

# **REFLEXÃO: CONTRIBUIÇÃO DOS LIMITES NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

**Jussara lensen Pedroso**

Psicóloga

Centro Multidisciplinar de Pesquisa e Ação – CEMPA

[jjpedroso@ibest.com.br](mailto:jjpedroso@ibest.com.br)

### **Resumo**

Este artigo tem como proposta reflectir sobre a importância do estabelecimento, por parte de pais e professores, de normas e regras de comportamento no desenvolvimento das crianças, no seu processo educativo e sua constituição como sujeitos. Discutir sobre limites na formação das crianças, especificamente de crianças especiais, é de extrema importância. Percebe-se que, tanto pais como professores acreditam na importância de que estas crianças tenham limites na sua formação, porém, muitas vezes encontram dificuldades em estabelecê-los, em virtude das limitações que estes apresentam.

### **Palavras-chave**

Limites - desenvolvimento - crianças especiais

### **Abstract**

The aim of this article is to reflect on the importance of establishing, both parents and teachers, standards and rules of behavior in the development of children, in their educational process and their constitution as subjects. Talking about limits in the formation of the children, specifically of special children, is of extreme importance. It is understood that both parents and teachers believe in the importance that these children have limits in their formation, however, they very often find difficulties in establishing them, owing to the limitations that these present.

### **Key words**

Limits - development - special children

## INTRODUÇÃO

As discussões sobre limites têm-se intensificado nos dias de hoje entre vários segmentos da sociedade, estudiosos e profissionais dentre eles professores, pedagogos e psicólogos. Afirmam a existência de uma preocupação constante de pais e educadores com relação aos problemas de comportamento das crianças e a dificuldade que encontram de estabelecer os limites de forma mais adequada. Para Oliveira (2001), muitos pais e educadores, não encontrando um método adequado de educação, utilizam ora uma liberdade total ou uma rigidez extrema com as crianças. Gherpelli (1995) complementa que, por uma confusão entre estabelecer limites e rejeição, se dá uma total permissividade para a criança, como se os limites não fossem indispensáveis.

Observamos que estas dúvidas, em relação aos limites, também foram refletidas por estudiosos do desenvolvimento infantil e da Psicologia, onde defendiam a idéia de não repreender, não impor limites, deixar a criança livre para não causar traumas. Machado (2002) afirma, porém, que todas as restrições em excesso, ou a tolerância em excesso são igualmente prejudiciais para as crianças. Estas afirmações hoje são repensadas buscando encontrar alternativas que melhor contemplem estas questões.

Na actualidade, vemos a dificuldade que pais encontram de impedir ou proibir os filhos, de agirem de determinadas maneiras consideradas erradas ou não aceitas e que podem futuramente ocasionar problemas no comportamento social. Com medo, dizem, de perder o amor dos filhos ou de repetir atitudes autoritárias que sofreram em sua própria educação e assim deixam que seus filhos façam tudo, suprimindo todas as necessidades materiais que apresentem.

Os autores afirmam que os limites fazem parte da formação da criança que necessita ter claro o tipo de comportamento que é esperado para ela em determinadas situações. Buscaglia (2002) reforça dizendo que, dar limites é algo muito mais amplo envolve deixar claro para a criança o que os adultos consideram correto. Sendo assim se estabelecer limites é fundamental para o desenvolvimento infantil o mesmo não pode ser esquecido em relação a criança com necessidade especial.

A inclusão de crianças com necessidades especiais<sup>1</sup> é uma realidade, assegurada na lei, em virtude disso torna-se necessário, portanto, entender o quanto é importante para estas crianças adquirirem formas de comportamento (relativamente adequadas), para que não sejam marginalizadas ou excluídas neste meio social. Estas crianças precisam também de ser preparadas para viver em sociedade, auxiliando-as a compreender o ambiente social e suas exigências.

**1** Montoan (2001) refere que são todas aquelas que apresentem limitações a nível de sistema nervoso, sendo estas físicas, psíquicas, motoras, afetivas e sociais. Acrescenta D'Angelo (1998) que crianças com necessidades especiais são aquelas que, a partir de um evento traumático ou patológico, apresentam limitações físicas e ou/psíquicas. Classifica ainda em deficiências mais ou menos graves ou irreversíveis. A partir da Declaração de Salamanca adotou-se também *Crianças com Necessidades Educativas Especiais*, que caracteriza-se como dificuldades acentuadas de aprendizagem, limitações no desenvolvimento, dificuldades de comunicação e altas habilidades.

Pensando nestas questões surgiu o interesse, durante o estágio em Psicologia Escolar com crianças especiais, em pesquisar sobre o referido tema como Trabalho final de Graduação, buscando investigar e entender de que forma estão sendo passadas para as crianças estas noções de limites e suas implicações no desenvolvimento infantil, especificamente, às crianças com necessidades especiais.

## DESENVOLVIMENTO E LIMITES

Sabemos o quanto estabelecer normas de convivência e regras de conduta fazem parte da formação infantil, não visando apenas definir o comportamento mais adequado ou desejado, mas para nortear os valores importantes de futuras decisões durante seu desenvolvimento. Estes limites darão condições da criança entender sobre o que é certo ou errado, do sim e do não e a respeitar o outro. A falta destes limites faz com que a criança seja egoísta e desagradável. Em relação a criança especial Glat (2003) pontua que os pais ao deixarem de fazer as correções necessárias aos comportamentos errados das mesmas, impedirão que estas sejam autônomas e independentes, dificultando relações sociais saudáveis.

O estabelecimento de limites à criança é fundamental, porém estas regras precisam ser claras indicando as consequências diante de determinada ação, assim auxiliará no desenvolvimento de crianças sadias e seguras emocionalmente. Salientamos que estas normas, não podem ser diferente ou negligenciadas, diante da criança com necessidade especial. Glat (2003), acrescenta que a família precisa ver a criança especial como às demais crianças e, portanto, não pode ser negligenciada nas aprendizagens e educação, tendo clara as noções de limites.

Para a criança especial, as regras ou limites serão fundamentais para seu crescimento. Estas orientações e noções de como agir em determinadas situações permitirá que a mesma possa organizar e ajustar seus comportamentos, permitindo também que seja capaz de controlar seus impulsos. Esta criança precisa ter claro o que se espera dela. A cobrança de forma sensata e dentro daquilo que a criança é capaz não será cruel. Afirma ainda Buscaglia (2002), que será importante que os pais deixem claro as mesmas, que sempre existe um motivo pelo qual não devam ter determinado tipo de comportamento.

Esta criança poderá apresentar limitações temporárias ou permanentes, que exigirão dos pais esforço, dedicação, compreensão e uma constante busca de ajuda e orientação. Segundo Mannoni (1999), a família tem a capacidade de frear todo o processo de desenvolvimento das crianças especiais, quando as enxergam simplesmente como pessoas débeis, sem capacidades, não demandando nenhum investimento nas mesmas. Embora esta criança encontre dificuldades motoras, físicas ou cognitivas, ela necessariamente tem condições de compreender aquilo que os pais ensinam. Motoan (1997) afirma que a criança aprende a partir de suas próprias experiências e da assimilação de conhecimento de outras pessoas com as quais se relaciona directa ou indirectamente.

Por outro lado, os pais de criança com necessidade especial poderão encontrar dificuldades de estabelecer ou dar os limites necessários a estas, justificando que o filho não é capaz de entender o certo e o errado. A família assim não percebe que o filho é um ser social, sendo suas atitudes inadequadas como mais um meio de discriminação e exclusão. Esta criança

também precisa de limites, estes são formas de protegê-las, fazendo com que sintam-se seguras e parte da família.

Dessa forma é importante que os pais estejam seguros de seu papel, de educadores, agindo assim de maneira coerente. Portanto, caberá aos pais serem os facilitadores traduzindo verbalmente o comportamento apresentado pelo filho e assim dar a direção adequada para aquele que seja desejado (Outeiral 2003). É possível que em virtude de suas limitações esta criança, às vezes, não consiga compreender as razões destes limites impostos pelos adultos, cabe aos pais mostrarem sempre os motivos pelos quais são necessários determinados comportamentos que são esperados dela.

Gherpelli (1995) diz que, embora muitas vezes, gerem conflitos e desastres aos pais coloquem limites nas crianças especiais, será importante que estes não desistam e que acreditem nas capacidades destas, e que as expectativas sejam sempre dentro de possibilidades viáveis para a criança. Afirma ainda que a falta de limites pode tornar a criança medrosa e até inconveniente em certos momentos. Rodrigues (2001) concorda e refere ainda que a falta de limites possa tornar a criança egocêntrica e imatura emocionalmente.

Segundo Outeiral (2003) a noção de limite não é trazida pela criança ela irá adquirindo durante seu processo de desenvolvimento através das identificações que fará com os familiares, onde iniciará suas primeiras regras de convivência, num segundo momento na escola com professores e colegas e após nas demais relações e trocas que fará com o ambiente social. Alguns pais afirmam que os filhos não precisam de limites que eles aprendem, a partir das próprias experiências, o certo e errado sozinhos dentro do próprio processo de aprendizagem que ocorre no seu desenvolvimento, tornam-se assim expectadores do processo de desenvolvimento, crescimento e formação destas crianças.

Em virtude das dificuldades dos pais em estabelecer os limites e não sabendo lidar com a rebeldia do filho usam formas mais severas de controle do comportamento inadequado. Em relação as crianças com necessidades especiais, ao vivenciarem formas disciplinares muito rígidas ou severas, de forma arbitrária, estas em virtude da capacidade limitada de entendimento, ficam confusas e por imitação passam a copiar estes comportamentos. Dolto (1999) pondera ainda que, a criança através da imitação que faz dos adultos poderá reproduzir esta agressividade como sendo um aprendizado correto.

Outeiral (2003) refere que a falta de limites se deve muitas vezes a uma dificuldade ou mesmo comodismo dos próprios adultos em estabelecê-los. Ressalta ainda o autor, que os adultos percebem na própria criança o pedido de limites para o seu comportamento e serão estes que irão organizá-la cognitivamente. Já para Oliveira (2001), o limite organiza a criança e facilita que encontre seus próprios recursos internos desenvolvendo as formas próprias de enfrentar e dar conta das dificuldades.

Podemos acreditar, assim, que os limites para a criança especial favorecerão na sua organização mental, facilitando assim um comportamento adequado e aceito socialmente, mesmo que estas crianças apresentem uma menor capacidade de entender as regras e de suportar frustrações (Oliveira, 2001). A importância de vivenciar os limites para a criança especial favorece no seu desenvolvimento e auxilia na sua adaptação social, bem como permitirá que sejam crianças mais equilibradas e seguras emocionalmente acrescenta Rodrigues (2001).

Machado (2002) prossegue afirmando que será fundamental que pais e professores tenham claro que a família é a mais importante matriz do desenvolvimento humano, sendo neste universo que a criança construirá o conceito de si e dos outros assim como os padrões de conduta. Ainda segundo Pappalia & Olds (2000) é a família que influencia no desenvolvimento da criança, como modelo e guia na adoção de outros modelos. Mais tarde, na escola, formará então outras relações afectivas com professores e colegas, bem como se defrontará com outras normas de conduta.

Sobrinho (1999) refere-se à dificuldade que os professores têm, na escola, de compreender qual o melhor caminho para orientar o aluno especial, pois este apresenta um desenvolvimento cognitivo muito defasado em relação a sua idade cronológica. O autor ainda pontua sobre as medidas educativas dos pais e professores, que diante do comportamento inadequado da criança, corrigem ou reforçam, não mostrando os limites, acabam assim incentivando a repetição do comportamento como sendo correcto.

Muller e Glat (1999), afirmam que a escola, para o aluno especial “é um contexto que permitirá o acesso ao conhecimento e aos valores sociais que possibilitem uma vida autônoma e crítica”, sendo assim será fundamental para este vivenciar regras, normas e limites que favorecerão suas capacidades intelectuais, de relacionamento e convivência. Glat (1984), destaca ainda que estas crianças possuem “um repertório muito limitado no que se refere as habilidades”, estas dificuldades apresentadas pelos alunos associadas a falta de noções básicas de normas e de limites, desfavorecem uma aprendizagem efectiva no ambiente escolar.

Assim será possível que a criança com necessidades especiais, embora tenham alguns atrasos e limitações no seu desenvolvimento, o estímulo, o entendimento e as cobranças de limites por parte dos educadores, permitirão que estas possam dar conta do que lhe é exigido a partir dos recursos que possuam e das capacidades e experiências que tenham vivenciado. Importante porém que os pais compreendam as diferenças individuais da criança, seu ritmo próprio e o desenvolvimento infantil.

À família enquanto um grupo em desenvolvimento caberá, portanto todas as intervenções quanto às normas de conduta, regras de convivência e limites aos filhos. Segundo Dolto (1999) a educação inicial é a primeira que vai estruturar a personalidade da criança assim como seu modo de ser e agir na vida. Sendo esta dada pela família ou quem a substitua e será a base para que a criança seja sadia no convívio social. Rodrigues (2001) acrescenta ainda que os pais, destacando aqueles com crianças especiais, não podem delegar para a escola a imposição de limites aos seus filhos.

## **CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA**

Em termos metodológicos nosso estudo estruturou-se em uma pesquisa qualitativa com entrevista semi-estruturada, esta possui um roteiro onde aborda as questões principais, deixando entretanto o entrevistado livre para acrescentar informações relevantes. Conforme Minayo (1994) na investigação qualitativa o investigador trabalha com um universo de significados do sujeito, não sendo desprezado nenhum dado.

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 4 crianças com necessidades especiais,<sup>2</sup> com idades variando entre 8 a 12 anos, do sexo masculino, freqüentando a classe especial, em uma escola estadual, localizada na zona central de Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil

As crianças constantes dessa seleção foram observadas no ambiente escolar, nas relações com os colegas e professores, assim como no meio familiar, observação essa realizada durante a aplicação das entrevistas.

Os instrumentos utilizados para obtenção dos dados a serem pesquisados foram a observação dos sujeitos, na escola e na família e da entrevista semi-estruturada aplicada com as professoras e pais das crianças envolvidas.

Como procedimentos foram realizadas observações destes sujeitos, nas turmas da classe especial (manhã e tarde), nas atividades escolares e recreativas (tanto na sala de aula quanto no pátio) conversas com as professoras e visita na residência dos alunos (esta no momento da entrevista). No primeiro semestre de 2006 foi realizado o planejamento das atividades, construção das entrevistas e levantamento dos alunos que fariam parte do estudo. Já a execução desenvolveu-se no segundo semestre. A partir do mês de agosto realizou-se as observações dos alunos no ambiente escolar (mais especificamente). As entrevistas foram aplicadas durante quinze dias, com as professoras (na escola) e com os pais (na residência).

A análise e discussão dos resultados foi realizada a partir da distribuição dos dados em categorias, esta forma de análise está baseada no que preconiza Bardin (1977). As categorias foram divididas destacando os limites na família e na escola e em sub-categorias com dados comuns relevantes para discussão, sendo elas: a importância, como são aplicados e dificuldades encontradas, buscando assim investigar como os limites eram estabelecidos nestes dois segmentos. Para a construção destas categorias foram utilizados os resultados das entrevistas (discurso dos pais e professores) e as observações da criança.

Foi adotada para a transcrição das falas dos pais e professoras entrevistadas a seguinte legenda: A e B referem-se aos pais dos filhos A1, B1 e X a professora destes alunos; C e D referem-se aos pais dos filhos C1, D1 e Y professora destes.

## OS LIMITES NA FAMÍLIA

Ao referirem-se sobre os limites, dizem alguns que muitas vezes acabam “cedendo” ao filho, passando o limite a não ser sustentado por eles, embora entendam que não devam deixá-lo fazer o que quer. Há necessidade das crianças terem claro até onde podem ir, mesmo que tenham limitações ou comprometimentos. Buscaglia (2002) refere que na relação educativa com os filhos, os pais devido às dificuldades e limitações que estes filhos apresentam, não

<sup>2</sup> As crianças apresentavam como diagnóstico: atraso global do desenvolvimento, comportamento do espectro autista; atraso global no desenvolvimento neuro psicomotor, déficit na fala; lesão neurológica por anoxia no parto e retardo mental leve; paralisia cerebral do tipo diparesia espástica.

conseguem estabelecer regras, encontrando assim certa relutância de repreender atitudes erradas dos mesmos.

**[...] é não deixar fazer o que não é pra fazer, né, mas é que às vezes a gente começa a ceder (B).**

**“Saber até aonde ele pode ir é o limite, mesmo ele sendo uma criança especial que a gente está vendo que ele é, mas ele tem que saber que o limite dele é até certo ponto (A).**

No estabelecimento de limites, pelos pais, foi possível observar que os mesmos relatam colocarem estes limites nos filhos, porém, aparece também a dificuldade na aplicação dos mesmos, causando indecisão ou insegurança para dizer um não. A mãe evidencia esta questão quando diz que “ eu não quero que ele vá, ele quer ir, eu acabo cedendo” (B). Essa dificuldade pôde ser observada durante as entrevistas, quando, em alguns momentos, os pais não conseguiam responder às questões formuladas em virtude do comportamento do filho, fazendo com que os pais ficassem inquietos tentando fazê-los parar. Mostravam, assim, o quanto gerava ansiedade fazer com que o filho tivesse um comportamento que atendesse a uma cobrança social.

Para os pais, o estabelecimento de limites aos filhos precisou ser aprendido. Em virtude dos filhos apresentarem limitações, estes pais não conseguem ver alguém capaz de entender uma ordem ou assimilar um comportamento desejado. Segundo Buscaglia (2002), os pais necessitam mais informações sobre a realidade de ter um filho com necessidades especiais, de como lidar, das possibilidades e capacidades, bem como das incapacidades dos mesmos.

**“A gente teve que aprender isso, foi doído pra nós, não foi assim tão fácil, mas a gente aprendeu, nós dois junto no caso” (A)**

**[...] fomos aprendendo e pedindo explicação para ajudar. Fomos se moldando para saber lidar no dia a dia. No início era mais difícil, como não falava, como não sabia, a gente tinha que adivinhar” (D).**

Uma questão onde os pais foram unânimes em suas afirmações foi no que se refere a importância dos limites na formação de seus filhos, ressaltando alguns ser importantíssimo e fundamental para a formação e desenvolvimento da criança. Acreditam que os limites são importantes porque auxiliam a criança para convivências e relações sociais futuras.

**“Eu acho que é importante por causa da convivência não vai ser só com nós, né, a gente agora não vai querer porque ele tem um problema, a gente querer só dentro de casa” (A).**

**“Que tem que exigir tem, como é que ele vai entrar pra sociedade depois. Hoje eu tô aqui amanhã posso não ta e aí, aquela velha história mãe ama, pai ama, mas os outros não são obrigados a aturar” (B).**

## **OS LIMITES NA ESCOLA**

A importância de que a criança especial tenha regras de comportamento é destacada pelas professoras, que alertam para a necessidade destas crianças serem submetidas as mesmas

normas que os demais alunos. É salientado também o quanto estes limites serão essenciais para o desenvolvimento das tarefas que envolvem a aprendizagem.

**[...] da mesma forma que os outros eles tem que ter regras pra poder conviver no grupo (X).**

**“Pra todo o trabalho em sala de aula é importante” (Y).**

Muller e Glat (1999), afirmam que a escola, para o aluno especial “ é um contexto que permitirá o acesso ao conhecimento e aos valores sociais que possibilitem uma vida autônoma e crítica”, sendo assim será fundamental para este vivenciar regras, normas e limites que favorecerão suas capacidades intelectuais, de relacionamento e convivência.

As professoras destacam que, basicamente trabalham os limites, em sala de aula, através da formação dos hábitos diários, daquilo que podem ou não fazer, assim como das tarefas da rotina da criança, usar banheiro, lanchar, jogar. Em todas as atividades são usadas regrinhas que vão orientando a criança como se comportar frente as tarefas.

**[...] é onde eles aprendem a cuidar das coisas e a respeitar os colegas (X).**

Foi possível observar os alunos nas atividades da sala de aula, em que as professoras estavam constantemente trabalhando com estes as questões básicas de rotina, o que tomava um tempo relativamente grande da aula. As professoras, por outro lado, destacam o quanto os alunos poderiam aproveitar mais das tarefas relativas a aprendizagem, se já tivessem assimilado ou trazido de casa estas rotinas.

Na observação destes alunos nas atividades escolares, percebe-se que estes ficam inquietos e acabam se desorganizando, quando são exigidos no cumprimento de uma tarefa, quando é dito “não pode fazer isso”, chegando muitas vezes a apontarem o dedo para professora e brigar. Entendemos com isso que existe a limitação, cognitiva, motora, mas que estes comportamentos possam estar associados as questões referentes aos limites.

A partir das entrevistas, percebe-se a necessidade que as professoras colocam de que a família desenvolva na criança especial, como uma condição indispensável para as atividades escolares, noções de regras e limites. Salientam ainda a importância, de que as atividades de rotina (comer, usar banheiro, vestir-se) sejam aprendidas ou trazidas de casa, para que tenham autonomia em realizá-las, proporcionando assim um tempo maior para outras aprendizagens na escola.

**[...] eles chegam aqui a mãe fazendo tudo por eles sempre (Y)**

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao abordarmos as questões dos limites concluímos que o tema é bastante complexo e que muitas reflexões ainda serão necessárias. Diante da escassez de bibliografia relacionada a importância dos limites para as crianças especiais, o estudo fica limitado, porém é possível contribuir para o conhecimento dos aspectos que envolvem e influenciam o estabelecimento dos limites, e poderá futuramente ampliar outras discussões sobre o tema.

No decorrer do estudo percebeu-se que a dificuldade dos pais torna-se infinitamente maior quando se trata de filhos com necessidades especiais, em virtude de toda a fragilidade emocional pelas quais passam por terem crianças com tantas limitações e por não receberem orientações de *como* e *o que* podem exigir destes. Os pais referem que a falta de informações (por parte dos profissionais) sobre as limitações dos filhos lhes são negadas já no nascimento. É preciso então que estes pais superem todas as adversidades buscando dar conta desta realidade.

Neste sentido, salienta-se da necessidade dos pais terem orientações e auxílio para o entendimento das dificuldades e limitações dos filhos. É possível na escola a criação destes espaços de orientação e esclarecimentos, em virtude de ser nesta o ambiente social mais próximo da família e como local de referência para os pais.

Percebe-se que o aspecto afetivo dos pais também fica caracterizado (na pesquisa) na medida em que, pela dificuldade de aceitação das limitações dos filhos, superprotegem os mesmos, causando indecisão ou insegurança para dizer um não. Em virtude disso, os pais não conseguem sustentar uma ordem, cedendo as suas vontades, sentindo pena, entendendo que estes não tenham compreensão para o que podem ou não podem fazer, assim como do que seja certo ou errado. Os relatos mostram que os pais, apesar das dificuldades acreditam que os limites são importantes e necessários porque auxiliam a criança para convivências e relações sociais futuras.

Com relação aos professores, fica evidente que estes sentem como é imprescindível trabalhar os limites em sala de aula. Referem que, sem os mesmos, fica difícil trabalhar conteúdos e atividades da vida diária, bem como do processo ensino-aprendizagem. Porém, é difícil o estabelecimento dos mesmos, pois as crianças têm dificuldades em entender seu significado. Dizem, ainda, que os pais estabelecem limites, mas até certo ponto não realizando ou exigindo tudo que poderiam dos filhos, deixando falhas. Sendo assim, os limites que eles trazem para a escola não são suficientes para as atividades de aprendizagem. Ressaltam, ainda, que estas crianças poderiam receber uma maior estimulação por parte dos pais.

Ao finalizar o estudo, foi possível identificar a importância dos limites no desenvolvimento das crianças com necessidades especiais. Entretanto, não podemos desconsiderar as limitações que estas apresentam, porém acreditamos que formas claras de ensinar utilizando frases curtas, mas ditas com firmeza, facilitarão o entendimento e aprendizado destas crianças. Dentro de uma solicitação adequada, exigências viáveis de serem realizadas, e das capacidades e possibilidades que cada criança tem será possível que se desenvolvam seguras e com condições de apresentarem mudanças no comportamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BUSCAGLIA, L. F. (2002). *Os deficientes e seus pais*. Trad. Raquel Mendes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record.
- D'ANGELO, C. (1998). *Crianças especiais: superando a diferença*/ Tradução de Antônio Angonese. Bauru SP: Editora Edusc.
- DOLTO, F. (1999). *As etapas decisivas da infância*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes.

- GHERPELLI, M. H. B. V.** (1995). *Diferente mas não desigual: a sexualidade no deficiente mental*. São Paulo: Editora Gente.
- GLAT e Kladec, V. P.** (1984). *A criança e suas Deficiências: métodos e técnicas de atuação psico-pedagógicas*. Rio de Janeiro: Editora Agir.
- GLAT & Freitas, R. C.** (1996). *Sexualidade e Deficiência Mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras.
- GLAT, R. e Duque, M. A. T.** (2003). *Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Lda.
- GOULART, Í. B.** (1997). *Piaget, experiências básicas para utilização pelo professor*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MACHADO, P. B.** (2002). *Comportamento infantil: estabelecendo limites*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- MANNONI, M.** (1999). *A criança retardada e a mãe*. Trad. Maria Raquel Gomes Duarte. 5ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- MINAYO, M. C. de S.** (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Deslandes, S.; Neto, O. C.; Gomes, R. M. C. de S. Minayo (org). Petrópolis, Rj: Editora Vozes.
- MONTOAN, M. T. E.** (2001). *Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras*. São Paulo.
- MULLER, T. M. P e Glat, R.** (1999). *Uma professora muito especial*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras.
- OLIVEIRA, T. e Dalbem, C.E.** (2001). *Erros e acertos na educação*. Santa Rosa..
- OUTEIRAL, J.** (2003). *O mal estar na escola*. Rio de Janeiro: Editora Revinter.
- PAPALIA, D. E. e Olds, S. W.** (2000). *Desenvolvimento Humano*. 7ª. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- RODRIGUES, M. de F.** (2001). *A estimulação da criança especial em casa: entenda o que acontece no sistema nervoso da criança deficiente e como você pode atuar sobre ele*. São Paulo: Editora Atheneu.
- SOBRINHO, F. P. N e Cunha, A. C. B.** (1999). *Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta: práticas e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Qualitymark.